

## RESENHA DE “ENSAIOS DE FILOSOFIA DA LINGUÍSTICA”, DE JOSÉ BORGES NETO<sup>1</sup>

Magdiel Medeiros Aragão Neto<sup>2,3</sup>

magdiel\_man@yahoo.com.br

O livro “Ensaio de filosofia da linguística”, de José Borges Neto, não trata de problemas/análises linguísticas ou de filosofia da linguagem. O foco da obra não é a linguagem, mas teorias que tratam da linguagem, ou seja, teorias linguísticas, daí a expressão “filosofia da linguística”. O termo “ensaio”, do título, justifica-se, por sua vez, por ser o trabalho uma coletânea de ensaios, que, como salienta o autor, foram já antes apresentados. O livro divide-se em duas partes que contabilizam um total de oito capítulos: “Questões gerais”, que engloba os cinco primeiros capítulos, e “Propostas particulares”, que engloba os três últimos capítulos.

No primeiro capítulo, “Diálogo sobre as razões da diversidade teórica na linguística”, o autor apresenta um diálogo imaginário, mas que faz referência a uma situação muito concreta e recorrente em sala de aula: a perplexidade de muitos discentes sobre o porquê de “tantas” teorias linguísticas. O professor, ponto de vista do autor, argumenta que nem sempre a diversidade teórica implica teorias contrárias entre si; muitas vezes, indica a existência de teorias complementares. Apresenta também uma questão vital para quem se decide a fazer ciência: a necessidade de desconfiança. Nesse ponto, coloca em cena o argumento por autoridade de Niels Jerne, que afirma que a ciência evolui por meio da desconfiança séria de ideias já aceitas. Partindo propriamente para o campo da Linguística, Borges Neto menciona brevemente algumas ideias, como as de Ferdinand de Saussure, Noam Chomsky e do Círculo Linguístico de Praga. Esse primeiro capítulo do livro, escrito de forma simples, é, sem dúvida

---

<sup>1</sup> Além desta resenha, recomendamos a leitura da entrevista com Borges Neto, publicada nesta mesma edição da **ReVEL**.

<sup>2</sup> Docente de Teoria e Análise Linguística na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

<sup>3</sup> Agradeço a Gabriel de Ávila Othero pela cuidadosa leitura/avaliação desta resenha.

alguma, de grande valia para o trabalho em turmas iniciais dos cursos de Letras e Linguística, pois todos nós que já tivemos a oportunidade de lecionar para tais turmas sentimos, em algum momento, a sua aflição na busca do que seja a teoria adequada (e infalível), ou seja, na busca de uma leitura/análise única do mundo.

Já no segundo capítulo, “De que trata a linguística afinal?”, de imediato Borges Neto, em parceria com Marcelo Dascal, trata do que se pode interpretar como objetivo e objeto. Mais especificamente, os autores consideram que é ingênua a afirmação de que “[...] a linguística é o estudo científico da linguagem humana” (p. 31) e questionam o que se pode entender por “(fazer) ciência”, já que esse conceito não está imune à história. O segundo ponto abordado são as noções de “objeto observacional” e “objeto teórico”: os autores lembram que as teorias fazem recortes da realidade para assim estabelecer seu objeto observacional, o que implica admitir “[...] que as divisões da ciência [não] correspondem a divisões naturais da realidade” (p. 35, acréscimo meu). O objeto observacional usado como exemplo é a negação, que, como mostram Borges Neto e Dascal, constitui-se em objetos teóricos distintos para teorias/disciplinas distintas, tais como a gramática gerativa, a pragmática e a semântica argumentativa. O problema ontológico é o terceiro tópico abordado no segundo capítulo do livro ora resenhado: nesse ponto, os autores abordam as perspectivas/soluções nominalista, conceptualista e realista sob as figuras de Bloomfield, Sapir e Saussure—Hjelmslev—Chomsky, respectivamente. No tópico “História da linguística: as opções ‘nocional’ e ‘filológica’”, encontramos duas opções de abordagens linguísticas ocidentais e anteriores ao século XIX: a opção nocional, que, preterindo a variação linguística em favor de uma representatividade universal da linguagem, se ocupa “[...] da linguagem a partir das relações som/sentido. Possui fundamentação lógico-filosófica e concebe a linguagem como representação (do mundo ou do pensamento)” (p. 45, grifos dos autores) e a opção filológica, que “[...] não ignora a variação linguística, mas a concebe em função de uma perspectiva normativo-prescritiva [...]” (p. 45, grifos dos autores). Novamente nesse ponto, Borges Neto e Dascal retomam a questão da não exclusão mútua de duas abordagens distintas que apresentem alguma característica em comum. O tópico seguinte, “História da linguística: a opção ‘histórica’”, trata de uma terceira opção para a abordagem de fatos linguísticos. Abordagem essa que entra em declínio no século XX com a perspectiva cientificista de “Homogenização, autonomia e cientificidade”, sexto tópico do capítulo,

proposta por Saussure<sup>4</sup>, que foi seguida e desenvolvida por diversos outros formalistas. O capítulo apresenta também o tópico “As opções de Chomsky”<sup>5</sup>. Nesse tópico, é lembrada a insistência de Chomsky, como a de Saussure, na homogeneidade da língua; porém, com um caráter psicologizante bem mais enfático, o que acaba por trazer para o campo da Linguística questões diversas, a exemplo da aquisição da linguagem e da centralidade das noções de princípios como universalidade, sintaxe e competência. O antepenúltimo tópico, “A opção ‘interdisciplinar’”, traz para a cena a proposta de uma gramática da comunidade de fala de Labov e propostas outras, como o funcionalismo de Halliday e o cognitivismo de Lakoff, que assumem para a linguística um objeto heterogêneo de estudos. O penúltimo tópico, “As ‘filiações’ da linguística”, resume a Linguística atual em três tendências: a sistêmica, de Saussure, Hjelmslev e Bloomfield, entre outros; a psicologizante, que tem Chomsky como representante principal; e a Sociologizante, de Labov e Ducrot, por exemplo. No tópico de conclusões, ao mesmo tempo em que relembram a impossibilidade de qualquer teoria abarcar toda a realidade, Borges Neto e Dascal enfatizam que as teorias só conseguem dar conta de porções da realidade e que, desses recortes de realidade, resulta o fato de cada teoria ter um objeto observacional diferente. Lembram ainda que “As opções metodológicas, então, não só delimitam o objeto como também determinam a estruturação interna das teorias [...]” (p. 63) e que “[...] em suas formas mais ambiciosas, a cientificidade não visa apenas à descrição dos fenômenos, mas também à sua explicação [...]” (p. 64, grifo dos autores).

O terceiro capítulo, “O pluralismo teórico na linguística”, é um texto apresentado no GEL de 1995 que foi inspirado numa apresentação de Carlos Franchi no GEL de 1994. Aqui, outra vez, Borges Neto trata do pluralismo d(n)os estudos linguísticos, mais especificamente trata das convergências e divergências possíveis em tal pluralismo. O autor questiona o motivo para a existência da diversidade teórica na Linguística e assume que essa diversidade mais do que positiva é inevitável, pois “[...] a linguagem é um objeto de tal complexidade que todos [sic.] as possibilidades de abordagem serão sempre parciais [...]” (p. 68). Sendo toda abordagem sempre parcial, tem-se como acarretamento a necessidade de se fazer um recorte de estudo, o que, por sua vez, implica sempre deixar algo de fora do recorte feito. Noutros termos, qualquer que seja o esforço empreendido na busca de estudos os mais completos possíveis, algo ficará de fora. Novamente, aqui Borges Neto se volta a Saussure para se

---

<sup>4</sup> Sobre a importância das ideias de Saussure na Linguística, vale a pena ler o artigo “Saussure: uma filosofia da linguística?”, de Raquel Basílio, publicado nesta edição da **ReVEL**.

<sup>5</sup> Sobre a importância de Chomsky na Linguística, vale a pena ler o artigo “A linguística sem Chomsky e o método negativo”, de Roberta Pires de Oliveira, publicado nesta edição da **ReVEL**.

reconhecer que a ciência e as teorias/abordagens científicas criam seu objeto de estudo, objeto este que não corresponde a um objeto natural, mas a um objeto teórico. Borges Neto coloca em cena outro ponto crucial para o cientista: a arbitrariedade da escolha, seja na escolha do objeto de investigação, seja na escolha do recorte epistemológico. Assumindo a voz de docente pesquisador, vejo (e companheiros de atividade outros veem/verão o mesmo) que o texto de Borges Neto serve como um caminho para se aprender a “sobreviver” com menos sofrimento a três conflitos que já foram nossos e “sempre” afligem o pesquisador (e o professor também!) iniciante: a) como lidar teorias; b) como e por que escolher determinada teoria ou modelo; e c) como se conscientizar de que há limitações (ou seja, não podemos “abraçar o mundo”, nem com as pernas nem com teorias). Voltando às especulações de Borges Neto, o capítulo apresenta ainda o relativismo científico como uma possível consequência do pluralismo, confronta o relativismo com o objetivismo e traz uma boa discussão sobre comensurabilidade teórica. No quarto tópico, o autor busca uma terceira via, que rejeita tanto o relativismo absoluto quanto objetivismo absoluto, mas interessantemente propõe uma interface entre relativismo e objetivismo. O capítulo chega ao fim com a colocação em cena da noção de ética na ciência, mais especificamente na Linguística. O autor defende que ainda que um cientista não compartilhe das perspectivas teóricas de outros, é incauto tentar ficar alheio a elas, já que é através do diálogo, sucessivo ou concomitante, entre teorias diversas que caminha a ciência. Borges Neto finaliza afirmando que “Todo trabalho vem ao mundo para ser criticado. Respeitá-lo, então, é submetê-lo ao crivo da mais severa crítica [tal qual foi feito com a apresentação de Carlos Franchi]” (p. 82, acréscimo meu).

“Formalismo x funcionalismo nos estudos linguísticos”<sup>6</sup>, quarto capítulo do livro, coloca em cena o que Borges Neto chama de versão linguística do dilema do ovo e da galinha, dilema esse que se pode traduzir nas seguintes perguntas: “[...] a linguagem tem a forma que tem porque é determinada por suas funções? Ou suas funções é que são ‘permitidas’ pela forma?” (p. 84). O autor coloca Roberto Camacho como um representante do funcionalismo, perspectiva que assume “[...] que a linguagem seja vista como um instrumento de interação social entre seres humanos [...]” (p. 85), e coloca Chomsky como o “paladino” do formalismo, perspectiva que trata “[...] os fatos linguísticos enquanto manifestações de um “objeto” autônomo, que preexiste a esses fatos (seja como um objeto “mental”, como quer Chomsky; seja como um objeto “abstrato”, de natureza matemática, como quer Montague)

---

<sup>6</sup> Sobre o assunto, recomendamos a leitura da entrevista com Frederick J. Newmeyer, publicada nesta mesma edição da **ReVEL**.

[...]” (p. 85). Borges Neto diz que não quer que seu texto represente uma posição subjetivista e propõe o que chama de um “experimento mental”, experimento esse que consiste em considerar a forma e a função na genética e na antropologia social. Sua primeira conclusão é que a genética aceita apenas a perspectiva formalista; sua segunda conclusão é que a antropologia social aceita tanto a perspectiva formalista quanto a funcionalista. Baseado nessas duas conclusões e afirmando que a antropologia considera que o funcionalismo não tem poder explicativo, Borges Neto assume que, uma vez que o formalismo tem poder explicativo tanto para a genética quanto para a antropologia, ele tem um papel epistemológico superior e, justamente por tal superioridade, a linguística não pode a ele se furtar. O autor, porém, diz ter certeza de que seus argumentos são frágeis para convencer um funcionalista, mas ainda assim acha-os pertinentemente defensáveis.

O quinto capítulo, “Reflexões preliminares sobre o estruturalismo em linguística”, retoma, numa longa citação de Deleuze, uma questão assaz interessante que, em diferentes áreas e momentos da ciência, volta à tona: “O que é o estruturalismo?”. No primeiro parágrafo propriamente seu, Borges Neto diz “Tarefa inglória a de querer conceituar ‘estruturalismo’ [...]” (p. 96), frase mais de impacto do que de efeito, tanto que o próprio autor segue em seu raciocínio e fala em conceitos como estruturalismo americano, estruturalismo europeu e estruturalismo unificado. Considerando que se trata de um texto científico e que, na ciência, os objetos precisam de uma delimitação (por mínima que seja), somos obrigados então assumir que a frase de impacto acima citada significa “tarefa inglória a de querer conceituar pontualmente/monossemicamente ‘estruturalismo’”, pois, como diz o próprio autor, “[...] precisamos definir melhor o que se pode entender por estruturalismo em linguística” (p. 98, grifo do autor). Borges Neto lembra então que “[...] o estruturalismo é um “método”, ou uma “atitude”, que consiste em proceder à explicação científica em termos de estruturas. Nessa perspectiva, cada elemento de um conjunto só tem sentido na sua relação com os outros [...]” (p. 96). Lembra-nos ainda, Borges Neto, do risco de inserirmos no conjunto dos estruturalistas teóricos que não se assumem como tais, bem como deixar de inserir em tal conjunto outros teóricos que se dizem ali estar inseridos. O autor, já na quarta página do capítulo, diz que estruturalismo é comumente entendido como “[...] um conjunto de teorias da linguagem humana que compartilham, em maior ou menor grau, alguns pressupostos [...]” (p. 98), mas, ora, isso não é uma definição, ou conceito, para estruturalismo ou qualquer teoria que seja, é antes uma definição de corrente teórica ou programa de investigação, seja qual for.

O funcionalismo, o historicismo e tantas outras correntes teóricas, pode-se dizer, são, em si mesmas, “exatamente” isso: “[...] um conjunto de teorias da linguagem humana que compartilham, em maior ou menor grau, alguns pressupostos [...]” (p. 98). A partir, porém, da abordagem sobre o estruturalismo europeu, o capítulo perde a vagueza excessiva que até então se fazia presente. As abordagens, tanto sobre o estruturalismo europeu – (pós-)saussureano –, por muitos considerado o “verdadeiro” estruturalismo, quanto sobre o estruturalismo americano – (pós-)bloomfieldiano –, são deveras interessantes; especialmente pelo enfoque no contexto dentro do qual nasce o estruturalismo americano. Borges Neto passa, por isso, a considerar uma possibilidade de existência de um estruturalismo (geral) dentro qual possam existir outros estruturalismos, para isso lembra que Apresjan e Mattoso Camara Jr. colocam Chomsky no conjunto dos estruturalistas. O capítulo chega ao seu ápice com a distinção entre linguística estrutural estática e linguística estrutural dinâmica, proposta por Shaumyan, que insere os bloomfieldianos na primeira linguística e os chomskianos na segunda. Para “acalmar os ânimos”, Borges Neto, muito adequadamente, afirma que “[...] as delimitações de fronteiras e as periodizações [de teorias] são resultado de um trabalho sobre a ‘realidade’ [...] e, em consequência, não são imunes aos interesses e às perspectivas dos homens que as propõem” (p. 115, grifo do autor, acréscimo meu).

A segunda parte do livro, *Propostas particulares*, inicia-se com o sexto capítulo: “Linguística e história da ciência: o caso do nupe”. Esse capítulo foi escrito em parceria com Sírio Possenti e aborda a abstração de formas fonológicas em dois trabalhos de Hyman, da década de 1970, que se inserem no quadro do gerativismo (transformacional). Ao fazer essa abordagem, os autores apresentam também críticas que o primeiro trabalho Hyman recebeu de Harms e como, no segundo trabalho, Hyman reconhece a validade de críticas de Harms, mas continua fiel ao seu programa de trabalho. De início, os autores lembram que questões fonológicas, especialmente a noção de fonema, já não eram ponto pacífico desde o estruturalismo, predecessor do gerativismo. Lembram também que nem sempre há uma relação de um-para-um entre morfema e fonema e que uma perspectiva estruturalista pode onerar, em termos de tamanho, a representação lexical, pois essa perspectiva admite “[...] um léxico com múltiplas entradas para um só morfema e regras não gerais [...]” (p. 121). Essa oneração coloca em cena, junto com o princípio da economia, a noção de regularidade, que é, podemos dizer, um dos atrativos para o trabalho, por meio de regras (formalizáveis), nas teorias gerativas. Dentro, então, do contexto gerativista, Hyman desenvolve sua análise do nupe, língua nigéria, apresentando uma série de regras fonológicas que, em alguns aspectos, se afastam cada vez mais da realização concreta dos sons da linguagem e caminham para uma

maior abstração, como por exemplo a assunção de consoantes modificadas. Hyman também trata da adequação fonológica em casos de empréstimos linguísticos. Com base nas assunções, análises e conclusões do estudo do nupe em questão, Borges Neto e Possenti fazem uma avaliação lógica dos argumentos usados por Hyman e reconhecem a consistência do programa de trabalho analisado, que se mantém fiel ao seu núcleo de princípios, mesmo que com procedimentos auxiliares a serem revistos. Ainda que o trabalho de Hyman apresente pontos bastante contestáveis, Borges Neto e Possenti evocam Lakatos para argumentar que a proliferação teórica é desejável e muitas vezes concomitante na história da ciência. Os dois autores argumentam também que, enquanto uma teoria não encontra uma concorrente, com maior conteúdo empírico e maior poder explicativo, ela mantém-se viva e contribui para a evolução da ciência.

O sétimo capítulo de “Ensaio de filosofia da linguística”, “Um novo modelo do velho molde”, foi escrito em parceria com Marcelo Dascal e Edson Françaço. Esse capítulo é uma análise de *Lectures on language performance*, obra de Charles Osgood, que apresenta a proposta de uma *Abstract performance grammar*. Borges Neto, Dascal e Françaço começam afirmando que “[...] um dos méritos do programa de pesquisa de Osgood é o seu esforço em providenciar uma teoria psicolinguística compreensiva, abrangendo não só a aquisição da linguagem, mas também todos os aspectos do desempenho linguístico adulto [...]” (p. 156). Os autores informam que a teoria Osgood tem como meta o desempenho, já que ela é uma “abstract performance grammar” que se desenvolve no quadro do behaviorismo, mais especificamente do neobehaviorismo, e faz uso de quatro mecanismos, a saber: léxico, operador, memória e bufer. Apesar do atrativo de um behaviorismo renovado, a proposta de Osgood apresenta uma série de problemas, tais como a assunção de que toda sentença tem uma estrutura triádica,  $S \rightarrow \text{SNP (sintagma nominal sujeito) + VP + ONP (sintagma nominal objeto)}$ ; o que, linguisticamente, sabe-se não ser o caso, pois a grade argumental de um verbo pode variar de zero a três/quatro argumentos. Para a análise de sentenças complexas, a proposta de Osgood também apresenta problemas como a assunção de que “[...] Contrariamente ao [conectivo] e, o [conectivo] mas não relaciona dois elementos, mas envolve tipicamente um terceiro [...]” (p. 174, acréscimos meus). Apesar de incongruências linguísticas na proposta de Osgood, seu trabalho é interessante de antemão, pelo “simples” fato de ser tratar de um modelo de gramática de performance. Contudo, mais interessante ainda é que pode parecer uma contra-revolução o fato de que um modelo behaviorista que trata da linguagem se desenvolve em paralelo ao modelo gerativista, que já superara os estudos behavioristas da linguagem.

Não há, no entanto, nenhum retrocesso nesse caso, salientam Borges Neto, Dascal e França: o modelo de Osgood, mesmo tratando da linguagem, não é uma teoria da Linguística, mas da Psicologia e, à época de sua vinda à luz, 1980, a “revolução” chomskyana ainda estava “circunscrita” à Linguística.

O oitavo e último capítulo do livro de Borges Neto, “A incomensurabilidade e a ‘compatibilização’ de teorias”, coloca em cena mais uma vez a “proliferação” teórica na Linguística. O autor começa evocando uma apresentação, da SBPC de 1988, na qual Rajagopalan critica a proliferação teórica e propõe uma unificação teórica com vistas a um suposto fortalecimento/reconhecimento do trabalho na área de Linguística. Borges Neto argumenta que para uma possível unificação ou complementaridade teórica é necessário não existir incomensurabilidade, mas sim compatibilidade. Como exemplo, o autor toma a proposta de Fernando Tarallo para uma sociolinguística paramétrica. Após considerar que os conceitos e o objeto do gerativismo chomskyano e da sociolinguística laboviana são diferentes, Borges Neto afirma que é impossível uma sociolinguística paramétrica sem que haja mudança de conceitos e objeto, e em havendo mudança de conceitos e objetos não se estaria fazendo complementaridade de/em tais teorias, mas sim criando-se uma terceira teoria. Para que haja então comensurabilidade e compatibilidade teóricas é preciso que existam teorias que compartilhem dos mesmos conceitos e objeto de estudo, argumenta o autor. Se assumirmos essa argumentação como adequada, de antemão podemos chegar à conclusão de que as teorias existentes são incomensuráveis e incompatíveis entre si, pois, como assume o próprio Borges Neto, em diversas partes do seu livro, que é a teoria que cria o objeto, cada teoria tem um objeto distinto e, em consequência disso, tem conceitos distintos. O autor finda o capítulo, e o livro, pondo-se a favor da diversidade teórica; assim como se colocou no primeiro capítulo. A diversidade, afirma o autor, é o que faz a ciência evoluir e elimina a falsa ideia de um acesso direto à realidade.

Em termos de crítica geral, o livro “Ensaio de filosofia da linguística”, de José Borges Neto, apresenta textos que podem ajudar muito o professor e pesquisador a “suavizar” o caminho de dúvidas, perplexidades e angústias que discentes dos cursos de Letras e Linguística, tanto em nível de graduação como de pós-graduação, sentem ao se depararem com o grande arsenal de limitadas e limitadoras teorias/abordagens linguísticas. A linguagem do livro é acessível; alguns textos, porém, apresentam trechos de difícil compreensão, mas a ciência, mesmo buscando ser explicativa, nem sempre é clara. No que tange a procedimentos lexicais, o livro apresenta o inconveniente de não traduzir alguns termos, ou ao menos apresentar uma tradução possível, já que um termo ou sua tradução pode ter significados



distintos de acordo com o contexto teórico, como é o caso de *overlapings*, na segunda linha do último parágrafo da página 46, e *langue*, na primeira linha do penúltimo parágrafo da página 53.

Quanto à leitura, um cuidado é preciso: o leitor deve situar cada capítulo temporalmente, pois embora o livro tenha sido publicado em 2004, todos os textos nele presentes são do século passado. Obviamente, não se trata de uma insinuação de que textos que não são muito recentes não devam ser lidos; pelo contrário, os textos clássicos só se tornam clássicos porque sua vitalidade resiste ao tempo. A sugestão de localização temporal é unicamente didática, para que o leitor não corra o risco de, ao ler, por exemplo, o capítulo sétimo, supor que o paralelo que se faz entre a teoria de Osgood e o gerativismo refere-se ao gerativismo (pós-)minimalista.

Um último problema a ser aqui apontado no texto de Borges Neto, e que ainda tem relação com datas, é que, na apresentação do seu livro, em novembro de 2004, o autor diz desconhecer outro livro de filosofia da linguística no Brasil, mas em maio de 2004 outro livro do gênero já havia sido publicado: *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, organizado por Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes. Pode-se contra-argumentar que o livro das organizadoras citadas não se trata de uma obra de filosofia da linguística. Esse, no entanto, seria um argumento falho, pois, como diz o próprio Borges Neto, a filosofia da linguística, também denominada de epistemologia da linguística, tem a tarefa de “[...] investigar a natureza das teorias linguísticas [...]” (p. 8). Essa investigação é o norte do livro de Mussalim e Bentes, que, por exemplo, apresenta análise crítica do funcionalismo e do formalismo em linguística, como também apresenta a obra Borges Neto. Vale então ressaltar que o mal-entendido sobre a data da primeira obra de filosofia da linguística, decorre do fato de que até o momento em que Borges Neto reuniu seus textos para publicação, em 2002, não havia ainda nenhuma outra obra de fato publicada, mas, “no frigidus dos ovos”, a obra do autor foi a segunda a entrar em circulação.

Com esta resenha crítica do livro de Borges Neto, fica registrado o nosso interesse e respeito por seu trabalho, pois, como diz o próprio Borges, “Todo trabalho vem ao mundo para ser criticado. Respeitá-lo, então, é submetê-lo ao crivo da mais severa crítica” (p. 82). Erros de interpretação são, vale frisar, de minha inteira responsabilidade.

## REFERÊNCIAS

1. BASÍLIO, Raquel. Saussure: uma filosofia da linguística?. *ReVEL*, vol. 8, n. 14, 2010.
2. BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
3. BORGES NETO, José. História e Filosofia da Linguística: uma entrevista com José Borges Neto. *ReVEL*. Vol. 8, n. 14, 2010.
4. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. Vol. 3. 3a. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
5. NEWMAYER, Frederick J. História e Filosofia da Linguística: uma entrevista com Frederick J. Newmeyer. *ReVEL*, vol. 8, n. 14, 2010.
6. PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. A linguística sem Chomsky e o método negativo. *ReVEL*, vol. 8, n. 14, 2010.

BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.